

UMA SOMBRA SEMPRE VISÍVEL NAS DEMOCRACIAS DE MASSA: *NÃO VAI ACONTECER AQUI* E O PERIGO DE SUBESTIMAR O FASCISMO¹

Sergio Schargel (PPGLB-USP/CAPES)²

RESUMO

O fascismo é um dos conceitos de teoria política que mais divide interpretações. Duas das principais interpretam-no como hermético, portanto limitado à Itália de 20 a 40, ou maleável, como conceito genérico que engloba movimentos diversos unidos por características essenciais. Em decorrência da primeira corrente, se desenvolve um fenômeno de negação do fascismo como se, ainda que receba outro nome, ele não possa reaparecer em trajes contemporâneos. Em 1936, Sinclair Lewis percebeu os perigos desse fenômeno de negação, e criou uma ficção com características de manifesto. Através de um diálogo sobre a obra de Lewis e uma base teórica sobre o fascismo, este trabalho se propõe a trazer uma análise crítica sobre a obra de Lewis. Ressalta-se a importância de *Não vai acontecer aqui* por identificar, ainda no início, traços de um movimento político inédito na história humana.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura política. Fascismo. *Não vai acontecer aqui*. Resistência. Totalitarismo.

¹ Pesquisa realizada com financiamento do CNPq de março de 2020 a março de 2021.

² Doutorando em Letras pela USP. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Bolsista CAPES, ex-bolsista CNPq. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, fascismo, antissemitismo e a obra de Sylvania Serafim Thibau. Editor-chefe da Revista Ziz. Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com / sergioschargel@gmail.com.

ABSTRACT

Fascism is one of the concepts of political theory that most divides interpretations. Two of the main interpret it as hermetic, therefore limited to Italy from 20 to 40, or malleable, as a generic concept that encompasses diverse movements united by essential characteristics. As a result of the first school, a phenomenon of denial of fascism develops, as if, even through a different name, it cannot reappear in contemporary costumes. In 1936, Sinclair Lewis realized the dangers of this phenomenon of denialism, and created a fiction with manifesto characteristics. Through a dialogue about Lewis' work and a theoretical basis on fascism, this work proposes to bring a critical analysis of Lewis' work. The importance of *It can't happen here* is highlighted by identifying, even at the beginning, traces of a political movement unprecedented in human history.

KEYWORDS: Political Literature. Fascism. *It can't happen here*. Resistance. Totalitarianism.

INTRODUÇÃO

Se os críticos do conceito fascismo se limitarem a procurar semelhantes contemporâneos absolutos do fascismo histórico, nada encontrarão. Assim como qualquer movimento político, o fascismo se alarga conforme se transfere de país em país, de época em época. Nesse sentido, Umberto Eco, em *O fascismo eterno*, buscou pensar o fascismo como um movimento político “imortal”, no sentido de ser um conceito genérico maleável para além de sua manifestação original, bem como, de certa forma, inerente às democracias de massa contemporâneas; uma proposta que dialoga com outros autores como Ernesto Laclau em *On populist reason*, Rob Riemer em *O eterno retorno do fascismo*, e Robert Paxton em *Anatomia do fascismo*. O conceito de Eco permite compreender um fascismo que, sem ser hermético, é identificável em todas as suas manifestações. Pontos que permitem identificar um fascismo em “populistas de extrema-direita”, por mais que busquem se afastar do atual incômodo fantasma do Fascismo italiano. Ironicamente, refutando o velho axioma de que aquele que não lembra da história está condenado a repeti-la, é justamente a memória do fascismo histórico que, em alguns aspectos, atrapalha a sua identificação. Enquanto alguns intelectuais, jornalistas e políticos ficam presos a imagem de um espectro, o fascismo se reconfigura e reaparece. É como se aqueles presos à imagem do Fascismo de Mussolini vissem um cordeiro na pele do lobo, só percebendo a fera quando for tarde demais. Em suma: é imprescindível entender o que é o fascismo para combatê-lo, sem enxergá-lo como onipresente, mas, de modo algum, negar que um nacionalismo reacionário, autoritário e populista seja uma manifestação do fascismo eterno. Da mesma forma, negar que o fascismo reaparece em diversos dos movimentos antidemocráticos contemporâneos, conforme o mundo entra em seu décimo quinto ano consecutivo de recessão democrática, de acordo com a Freedom House (2021).

Dado esse cenário, é natural que a ficção absorva traços do real e pululem não apenas obras teóricas sobre antidemocracias, mas também ficções. O diálogo entre a realidade e a ficção se torna evidente quando *1984*, de George Orwell, retorna à condição de best-seller tanto tempo depois: a arte pode ser útil como compreensão da política, vide a relação intrínseca entre ambas.

Provavelmente motivada pela ascensão desses movimentos antidemocráticos por todo o mundo, a Editora Alfaguara relançou, em 2017, *Não vai acontecer aqui*, do primeiro estadunidense a receber o Nobel, Sinclair Lewis. *Não vai acontecer aqui* é praticamente um

manual de etapas para a ascensão do fascismo. Mas também é um manual de como resistir. Em resumo, o enredo narra a história de Doremus Jessup, jornalista liberal de Fort Beulah, uma fictícia cidade média de Vermont, em sua tentativa desesperada de fazer frente ao crescimento do fascismo em seu país. Aos poucos um senador, Buzz Windrip, acumula poder e, com o apoio de entidades religiosas, grandes empresários e a Liga dos Esquecidos – uma associação de pessoas que vivem de assistência social –, é eleito com uma plataforma que promete tornar a América grande de novo. A metodologia de poder fascista vai dando lugar, gradualmente, a um totalitarismo ao estilo Nazista, e Doremus acaba por perder tudo em sua incapacidade de aceitar a repressão. Na prática, a obra se trata de uma apologia aos ideais da democracia liberal e uma crítica direta a qualquer forma de autoritarismo ou extremismo. Em diversas partes do livro Lewis (2017, p. 24) critica ambos os extremos do espectro, ao passo que exalta os valores do liberalismo e da democracia, como quando afirma que “No geral, com gritantes exceções, a democracia tem dado ao trabalhador comum mais dignidade do que jamais teve”.

É notável no objeto a presença de algumas das características mais notáveis do fascismo: a política do niilismo, o fetiche pela tradição, conspiracionismo paranoico, o Messias demagogo, a massificação. Com um ou outro aspecto diferente, a mesma metodologia é aplicada de quando em quando, em um espaço-tempo heterogêneo, mas com algumas etapas que o tornam inconfundível. A proposta deste artigo é perceber quais são essas etapas. Isto é, perceber o que o fascismo podese, não determinar o que ele é, mas evidenciar algumas de suas características mais notáveis, que, a despeito de sua evolução ao longo do tempo, mantém-se de forma contínua.

DE UMA DAS PRIMEIRAS INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS DO FASCISMO

Não vai acontecer aqui, escrito em 1936, não apenas tece uma crítica aos EUA da época, que flertava com o fascismo e poderia ter ido para um caminho alternativo, mas, tanto mais, assume um caráter “preditivo” e contém descrições de campos de concentração que se assemelham a Auschwitz descrita por Primo Levi em sua literatura testemunhal uma década depois. Embora Dachau já existisse e Sinclair Lewis pudesse ter certo conhecimento

do que acontecia lá, é importante lembrar que o que se passava dentro dos campos era constantemente “maquiado”, como no exemplo da visita da Cruz Vermelha ao campo de Theresienstadt (BOSI, 1999). Lewis imagina horrores bem próximos da realidade: fuzilamentos, extermínios de minorias, trabalhos forçados, espancamentos, fome, doenças. Mas suas capacidades preditivas não ficam limitadas nisso: o candidato que criou lança-se com um discurso de “fazer a América grande de novo” e “America’sfirst” (LEWIS, 2017, p. 25). Através de promessas populistas que exploram o ressentimento de uma população economicamente fragilizada com a Depressão; um discurso de retorno ao passado mítico supostamente deturpado por minorias; e o conspiracionismo paranoico que enxerga o espantinho do comunismo como onipresente; o senador Buzz Windrip consegue se eleger derrotando Roosevelt nesse passado alternativo, e seu regime vai ficando gradualmente mais violento e destrutivo.

É interessante notar que, ainda que autores como Levitsky e Zibblat (2018, p. 26-27) alarmem que o autoritarismo atualmente se constrói pouco a pouco e que os líderes autoritários se utilizam da democracia para minar a própria democracia, essa estratégia nada tem de nova: Hitler e Mussolini a utilizaram (ALBRIGHT, 2018, p. 28), bem como Buzz Windrip na ficção. Esta é, inclusive, uma tendência de regimes fascistas: enquanto o autoritarismo puro, em geral parte de uma ruptura democrática visível, como o clássico golpe de Estado militar, o Fascismo é mais lento e muitas vezes torna difícil diferenciar democracia de ditadura, criando uma verdadeira democratura, para utilizar um neologismo em voga (SCHWARCZ, 2019, p. 227). Parafraçando Shakespeare (2006, p. 67), o diabo cita a Bíblia quando lhe é conveniente, e o mesmo faz o Messias fascista: ele prega, defende e brada que defende a democracia e a constituição (RIEMEN, 2020), o que faz com que o *establishment* político acredite que possa “domá-lo” com o tempo e amarrá-lo com as instituições, recusando a enxergar o perigo que ali reside. O Messias Fascista de *Não vai acontecer aqui* utiliza o mesmo discurso, assim como suas contrapartes políticas reais também o utilizaram: “ele era capaz de dramatizar sua afirmação de não ser nazista nem fascista, mas um democrata – um simples democrata” (LEWIS, 2017, p. 81). Como qualquer populista, e sendo o fascismo necessariamente populista, o Messias sempre promete resgatar uma suposta democracia deturpada por um grupo, qualquer que seja esse grupo, o “eles”, e instaurar uma nova democracia.

O argumento de “as instituições estão funcionando perfeitamente e serão o suficiente para frear o Messias demagogo” é tão falho quanto antigo. O excesso de estima

nas instituições acaba, paradoxalmente, fragilizando-as; o Messias Fascista utiliza-se delas para miná-las. Em outras palavras, a democracia é usada para matar a democracia. Hitler e Mussolini chegaram ao poder por vias legais, assim como, na ficção, Buzz Windrip.

O mais curioso quanto a esse argumento é sua repetibilidade: ele nada tem de novo. Inclusive, conforme Riemen (2012, p. 71), o *establishment* conservador tolerou Hitler e Mussolini justamente por acreditar que eles não teriam fôlego, apesar de seus movimentos de massa, para cercear o espaço cívico e centralizar o poder. Pagaram caro por subestimarem o fenômeno: acabaram eles próprios absorvidos e domados, ao menos no caso alemão. A própria ficção também percebeu isso. O título de *Não vai acontecer aqui* é uma ironia a esse argumento, à incapacidade de aceitar que nenhuma democracia de massas está imune ao Fascismo. Em 1936 a ficção de Lewis já retratava o fenômeno de negação do fascismo, inclusive no próprio título, tomado por alguns como um movimento passageiro que seria engolido pelo tradicional dualismo conservador/liberal. Alguns personagens de *Não vai acontecer aqui* se recusam a aceitar, mesmo após a eleição de um presidente claramente fascista, que a democracia estava sendo corroída: “Besteira! Besteira! Isso não vai acontecer aqui na América, impossível! Somos um país de homens livres” (LEWIS, 2017, p. 24). O fascismo não poderia chegar nos Estados Unidos, tão pretensamente desenvolvido e democrático. Até que aconteceu, ao menos na ficção. E por pouco não aconteceu na realidade. Os Estados Unidos, entre vários outros países, flertaram – e ainda flertam – com o fascismo. Porque nenhuma nação, por mais plural que seja, está absolutamente isenta do surgimento do fascismo, uma “virtualidade presente em qualquer Estado moderno” (BRAY, 2019, p. 16), embora dados indiquem que a democracia se torne resiliente o suficiente para resistir a ele paralelamente ao poder do PIB do país (PRZEWORSKI, 1997). E quanto menos inclusiva, quanto menos democrática ela for, maior a probabilidade do fascismo espalhar seu veneno por todos os grupos sociais.

A crítica em *Não vai acontecer aqui*, como paralela ao que Lewis viu acontecer na Alemanha e na Itália, não se limita apenas ao Fascismo. Como apologista do liberalismo, Lewis estende sua crítica tanto para conservadores – que na obra, assim como no real, fizeram uma associação desconfortável com os fascistas na tentativa de se manter no poder (RIEMEN, 2012, p. 71) – e, principalmente, para os comunistas. Em particular a esquerda alemã, mas também italiana, foi incapaz de perceber a ameaça que existia no fascismo, interpretando-o como uma vertente do capitalismo liberal. Sociais-democratas, socialistas e comunistas estavam mais ocupados brigando entre si do que combatendo e entendendo

aquele fenômeno (BRAY, 2019, p. 74-75). A mesma incapacidade de formar uma frente ampla ocorre em *Não vai acontecer aqui*: “Para a campanha os comunistas haviam brilhantemente trazido seus candidatos sacrificiais – na verdade, todos os sete atuais partidos comunistas fizeram o mesmo. Uma vez que tivessem todos permanecido unidos, poderiam ter atraído novecentos mil votos” (LEWIS, 2017, p. 96).

Não há, em termos de forma, grandes inovações. A obra segue uma estrutura narrativa de progressão linear, o que permite que o leitor acompanhe a derrocada progressiva do protagonista em paralelo à ascensão do demagogo. Sua força reside em ser uma espécie de manifesto antifascista transformado em ficção e uma sátira ao fascismo como apareceu na Alemanha e na Itália. Um manifesto literário para que o leitor compreenda que nenhum país está a salvo do fascismo. Ainda assim, é possível chamar atenção para alguns pontos pertinentes na forma, não limitando a análise apenas ao conteúdo.

A narrativa em terceira pessoa permite uma visão panorâmica do desenrolar dos eventos e dos personagens. Distingue-se, assim, por exemplo, de *Complô contra a América*, de Philip Roth, este pautado por uma pessoalidade. Em outras palavras, em *Complô contra a América*, Roth se utiliza do micro, sua esfera familiar atingida com a eleição de um simpatizante do Nazismo, para desenvolver o macro; enquanto Lewis faz o inverso, parte da ascensão do fascismo para trabalhar seu impacto em Doremus e em sua cidade. Descentralizar a narrativa permite que o fascismo seja visto de forma mais ampla do que em *Complô contra a América*, no qual se limita a relances, em geral pela ótica de uma criança. O ponto central de *Não vai acontecer aqui*, portanto, é o próprio fascismo. O que interessa não é a relação dos personagens entre si, mas a relação deles com esse fascismo, como este impacta em suas vidas, suas decisões, suas ideologias e suas motivações. Desde Doremus, que perde tudo a que dava valor, a sua filha, Maria, que se suicida em um atentado contra um líder do governo, ao ex-funcionário de Doremus, Shed Ledue, que, inundado pela amargura, abandona seu emprego para se alistar na milícia paramilitar do governo e espancar seu ex-chefe. O fascismo modifica, acaba com qualquer pretensão de normalidade e estabilidade, esvazia suas vidas, suas ambições e desejos, torna bela a violência e impulsiona a narrativa.

Lewis é bem-sucedido em seu manifesto por um ponto que é possível destacar em particular: a estética da destruição. O autor demonstra sobriedade em sua análise do fascismo, colhendo da política do real características e pontos-chaves dos fascismos da

época e transpondo-os para a sua criação do real da ficção, sem abrir mão, contudo, da autonomia literária ao imaginar como seria uma manifestação estadunidense deste movimento. Seguindo a ideia de Benjamin, o fascismo estetiza não apenas a política, mas a própria destruição. O fascismo não apenas é destrutivo pelo belicismo que é um de seus pontos mais básicos, mas por sua política vazia impulsionada pelo ódio, ressentimento e medo do homem-massa³. Também é destrutivo porque, como movimento reacionário, propõe destroçar as bases fundantes do contemporâneo para retomar o passado idílico; ou porque se coloca sempre contra um inimigo objetivo que é necessariamente desumanizado através da dicotomia que estabelece o “outro”. A destruição se torna um prazer, uma beleza, um ideal a ser alcançado. Lewis transpõe para o papel justamente essa estética do vazio, ou estética da destruição.

Lewis traça um paralelo com Mussolini ao apontar que não há propostas concretas no programa de Windrip, e um paralelo com Hitler por sua doutrina, *Hora zero: além dos limites*. Fragmentos desta doutrina aparecem ao início de cada capítulo entre o quinto e o vigésimo, compreendendo o período de ascensão, estabelecimento e totalitarização. Ao quinto capítulo, os personagens discutem a possibilidade do fascismo se disseminar nos Estados Unidos; no vigésimo a transformação em um Estado totalitário está completa, não sem razão este capítulo marca o primeiro assassinato de um familiar do protagonista e o consequente controle e transformação de seu jornal liberal em panfletário pró-regime.

Dorothy Thompson, renomada jornalista e esposa de Lewis, publicou uma entrevista com Hitler ainda em 1932, antevendo sua ascensão ao poder, com uma abertura enfática: “fiquei convencida de estar diante do futuro ditador da Alemanha” (URWARD, 2014, p. 212); foi igualmente uma das primeiras a perceber a “impressionante insignificância” do Messias alemão. Lewis cria, no real de sua ficção, uma imagem próxima a que Thompson havia desenhado de Hitler quatro anos antes. E percebe que o fascismo poderia aparecer em qualquer lugar, três anos antes do comício de apoio ao Nazismo no

³Criado por José Ortega y Gasset (1962, p. 259) em *Rebelião das massas* e retomado por Rob Riemen (2012, p. 23) em *O eterno retorno do fascismo*, implica no indivíduo que, entorpecido pela cultura e mídia de massas e por seu próprio vazio, torna-se incapaz de formular um pensamento crítico e acaba sendo devorado pelo fascismo. Quando apadrinhado por um demagogo em épocas de crise, quando se amalgama o nacionalismo com o populismo, o homem-massa tende a descambar para a violência e para o fascismo (RIEMEN, 2012, 69). Não se trata, porém, de um conceito elitista: o homem-massa pode aparecer em qualquer esfera social.

Madison Square Garden, que reuniu 20 mil pessoas sob imagens dos pais fundadores dos EUA se mesclando com suásticas (A NIGHT at the garden, 2017).

Hora zero em muito se assemelha a *Mein kampf*. Ambos são um emaranhado de ódio, ressentimento e racismo, em “parte biografia, parte programa econômico, parte pura fanfarronada exibicionista [...] continha mais sugestões para remodelar o mundo do que as três obras de Karl Marx e todos os romances de H.G. Wells juntos.” (LEWIS, 2017, p. 38) Sem conhecimento prévio e postos lado a lado, o leitor teria dificuldade em diferenciar *Hora zero* e *Mein kampf*. Um fragmento de *Hora zero* afirma: “O verdadeiro problema com os judeus é que eles são cruéis. Qualquer um com conhecimento de História sabe como torturaram pobres devedores em catacumbas secretas durante toda a Idade Média. Ao passo que o Nórdico distingue-se por sua bondade e generosidade com os amigos, filhos, cães e pessoas de raças inferiores. (LEWIS, 2017, p. 215)

Já em um fragmento de *Mein kampf*, coletado pelo centro de pesquisas Yad Vashem, consta: “Se, com a ajuda de seu séquito marxista, o judeu vencer os outros povos do mundo, sua coroa será a coroa funerária da humanidade e este planeta, como o fez há milhares de anos, se moverá pelo éter desprovido de homens” (nossa tradução)⁴.

Fragmentos como o retirado acima mostram outro ponto interessante da obra de Lewis: o humor. *Não vai acontecer aqui* mistura um humor sutil, ácido e espalhafatoso. É claro quando, como no fragmento acima, o autor emprega com ironia uma contradição que, aos olhos do leitor desatento, pode passar despercebido. Buzz emprega os adjetivos “bondoso” e “generoso” para o homem branco, ao mesmo tempo em que desumaniza “pessoas de raças inferiores”, não por coincidência listando-os após cachorros. A mistura paradoxal entre crueza e sutileza, o escárnio travestido de ironia, persiste não apenas durante o pastiche de *Mein kampf*, mas por toda a obra.

Mas não é apenas na doutrina que Lewis promove um pastiche dos materiais fascistas: o programa de governo, constituído por quinze artigos, nomeado *Os quinze pontos da vitória para os esquecidos*, é tão vazio quanto a doutrina. O terceiro ponto afirma que “a propriedade privada será, em oposição às doutrinas dos Radicais Vermelhos, para sempre garantida” (LEWIS, 2017, p. 71). O quarto ponto, em mais uma expressão da ironia de Lewis, afirma a liberdade de religião - desde que fiel ao Novo Testamento, liberdade,

⁴ “If, with the help of his Marxist creed, the Jew is victorious over the other peoples of the world, his crown will be the funeral wreath of humanity and this planet will, as it did thousands of years ago, move through the ether devoid of men.”

portanto, apenas para os cristãos (LEWIS, 2017, p. 71-72). Em mais de um dos pontos reafirma a promessa de destinar 5000 dólares aos trabalhadores brancos, assim que possível, incorrendo, para isso, no oitavo ponto: dobrar a oferta da moeda (LEWIS, 2017, p. 72). É evidente que, a longo termo, os pontos de Buzz são contraditórios e insustentáveis. Todavia, ele só percebe a incapacidade de promover uma renda “universal” tão alta sem, no processo, realizar redistribuição de riqueza. Da mesma forma, suas políticas populistas vão pouco a pouco minando sua autoridade e frustrando a população, até sua derrocada ao final. Em outras palavras, é a estetização de sua política da destruição e do vazio de suas promessas demagogas, e que serão responsáveis pela implosão do Corpoísmo.

Entretanto, é justamente o vazio de sua ideologia, política e programa que o torna tão forte. Os outros candidatos, Roosevelt e Walt Trowbridge, são limitados por promessas realistas, não se baseando na utopia ou no *eldorado*, como sugere Lewis sarcasticamente: “a falta pessoal do senador Trowbridge, era o fato de representar a integridade e a razão em um ano em que o eleitorado estava faminto de emoções vivazes, de sensações picantes associadas normalmente não a sistemas monetários.” (LEWIS, 2017, p. 97) Windrip, como demagogo, não se limita à realidade. Na sua fantasia – e em diversas passagens Lewis (2017, p. 363) mostra que ele de fato acredita nela –, Windrip sonha com um Estado totalitário, no qual reina como absoluto com um séquito satisfeito de seguidores fiéis. Se permite, então, fazer promessas como os cinco mil dólares anuais de renda universal, ainda que não faça ideia de como cumpri-las – seu programa sugere que, para tal, irá imprimir mais capital. Retornando Benjamin (1994, p. 196), a política deixa de ser um espaço para discussões ponderadas sobre as melhores decisões à vida da maioria das pessoas, para se tornar puramente emocional: “Não era particularmente empolgante. Economia raramente é, a não ser quando dramatizada por um bispo, encenada e iluminada por um Sarason e apaixonadamente representada por um Buzz Windrip” (LEWIS, 2017, p. 96). Engolido pelo ressentimento, o homem-massa criminaliza a própria política, e cai facilmente no canto da sereia fascista.

É interessante perceber como o movimento de Buzz Windrip se baseia em uma metáfora: Corpoísmo. Há uma dupla referência neste termo. Ao mesmo tempo em que é uma referência ao Corporativismo de Mussolini, também passa uma ideia de massificação, da aniquilação das singularidades individuais na massa (LEWIS, 2017, p. 363). No Corpoísmo, a individualidade e a idiosincrasia são eliminadas na formação de uma enorme

falange, uma colossal massa homogênea que atende pelo pronome “nós” e abomina todo o “eles” (LEWIS, 2017, p. 22). Esse é um processo geral que se repete no fascismo, seja ele literário ou real: a despeito de ser impulsionado pelos desejos individuais mesquinhos, ele promove a massificação do indivíduo, a transformação dessa mesquinhez melancólica em homogeneidade. O Corpoísmo é, inclusive, tratado como uma grande família, como amigos e associados motivados por interesses comuns e em guerra contra todos aqueles que se opõem: “É hora de parar de brincar de pega-pega com essas ideias malucas e juntar-se à família” (LEWIS, 2017, p. 22)

Buzz Windrip colhe apoio de todos os setores e classes sociais, dos fazendeiros conservadores aos pequenos comerciantes liberais. Todavia, uma de suas principais bases de apoio é a Liga dos Esquecidos, uma organização nacional de cidadãos que sobrevivem de assistência pública. Como a nomenclatura evidencia, a Liga dos Esquecidos se encontra inundada em ressentimento, se enxergam como cidadãos de segunda classe. Tomam Windrip como Messias, com suas promessas populistas, como o único capaz de torná-los “seres humanos outra vez” (LEWIS, 2017, p. 61). A expressão “outra vez”, longe de ser coincidência, imprime justamente o desejo reacionário e melancólico de retorno ao objeto perdido, no caso os Estados Unidos, anterior à Crise de 29. É esse ressentimento, amalgamado com o nacionalismo que se dissemina nas épocas de crise, que Windrip devora para cuspir o osso do ódio do fascismo:

Com todo o descontentamento que há no país para catapultá-lo ao governo, o senador Windrip conseguiu excelente oportunidade para ser eleito presidente e, se o for, provavelmente seu bando de abutres vai nos arrastar para alguma guerra, só para alimentar sua vaidade insana e mostrar ao mundo que somos a nação mais robusta que existe. (LEWIS, 2017, p. 23)

É interessante como a lucidez da aparição literária do Fascismo por Lewis não se limita apenas à estrutura e características desta metodologia, mas também à própria reação da esquerda e do *establishment* conservador. A obra mostra como grupos conservadores e liberais, em particular grandes empresários e fazendeiros, assim como na Alemanha, enxergavam no movimento de Windrip, apesar de desprezo por seus métodos, uma alternativa melhor do que a esquerda. Como uma ruptura, portanto, parcial, que se propunha a manter algumas tradições úteis e resgatar outras em um passado idealizado. Windrip é apoiado por todas as classes sociais, como qualquer Fascismo, mas por razões

distintas. Os estratos sociais mais baixos, representados pela Liga dos Esquecidos, são absorvidos pelo discurso populista anti-elite do senador, e por suas promessas de renda universal para todos os estadunidenses brancos; a classe média na esperança de recuperar a prosperidade de uma economia ainda combalida pela Crise de 29; enquanto os empresários enxergam em Windrip uma forma de utilizar a massa para explorar a própria massa, na esperança de absorver o Corpoísmo e, no processo, desmontar sindicatos e extinguir a assistência pública (LEWIS, 2018, p. 22) – embora paradoxalmente Windrip prometa, ele próprio, a assistência universal.

Doremus percebe também o quanto esse ressentimento melancólico é fruto do individualismo, e o quanto o Messias o transforma em poder. Em uma passagem introspectiva, percebe que o homem-massa não apoiou Windrip, ou qualquer outro Fascista, pela utopia coletiva (LEWIS, 2017, p. 98). Mas, principalmente, pelo desejo mesquinho de ascensão financeira individual. Como manifestação do ressentimento, importa mais ao homem-massa o sucesso individual e, principalmente, o fracasso de seus adversários, do que, a despeito do nacionalismo fascista, o desenvolvimento coletivo. Paradoxalmente, é o desejo individualista que forma as grandes massas de apoio ao Fascismo, da qual a Liga dos Esquecidos, em *Não vai acontecer aqui*, é um exemplo.

Mas o ressentimento não se limita às classes que dependem de ajuda financeira estatal. As elites empresariais e, principalmente, rurais de Fort Beulah, apoiam o movimento de Windrip por seus próprios ressentimentos melancólicos. Se os membros da Liga dos Esquecidos desejam trabalhos e oportunidades dignas, os fazendeiros esperam que Windrip elimine o auxílio estatal, bem como sindicatos e organizações trabalhistas. Assim como aconteceu na Itália e na Alemanha, o apoio das elites conservadoras ao fascismo parte mais da tentativa de estimular seus próprios interesses financeiros ou políticos do que uma associação orgânica (LEWIS, 2017, p. 15). O movimento de Windrip é visto como uma alternativa moderada contra a esquerda, o menor dos males (LEWIS, 2017, p. 25). E se para que seus interesses sejam mantidos é necessário o uso do fascismo, então que assim seja: “Por que tem tanto medo da palavra ‘fascismo’, Doremus? É só uma palavra [...] E talvez não seja tão má, com todos esses vagabundos preguiçosos que vemos esmolando assistência hoje em dia.” (LEWIS, 2017, p. 25)

O Fascismo de Windrip, portanto, se alastra por todas as classes sociais, explorando os ressentimentos de cada setor. Idêntico para todas, porém, Windrip se coloca como o Messias que levará o indivíduo à salvação, independentemente de suas propostas serem

paradoxais. É curioso como os setores mais empobrecidos o tomam como antielitista, evocando a figura populista do caçador de marajás, enquanto as classes mais altas insistem no oposto. Ambos dividem a melancolia de retornar ao objeto amado, a utopia regressiva. O individualismo é absorvido, assim, por essa mistura entre ressentimento melancólico e populismo demagógico, dando impulso à metodologia de poder do Fascismo. Madeleine Albright (2018, p 16) chama atenção para este ponto, ao afirmar que “a energia do fascismo é alimentada por homens e mulheres abalados por uma guerra perdida, um emprego perdido, uma lembrança de humilhação ou a sensação de que seu país vai de mal a pior.”

Como o excerto de *Não vai acontecer aqui* destacado alguns parágrafos acima revela, a melancolia do fascismo não se baseia apenas no ressentimento, mas em seu amálgama com o medo. Para isso, o fascismo sempre cria um inimigo objetivo, um grupo desumanizado ao qual se deve temer e que deve ser tomado como o responsável pelo declínio da nação. Com frequência, esse grupo é a esquerda e, principalmente, os comunistas. O medo do comunismo é prático porque, mesmo que não exista qualquer ameaça crível por parte de grupos de esquerda tomarem o poder, facilita para mobilizar emoções em todos os setores sociais. Dos que tem muito aos que pouco têm, todos os massificados pelo fascismo passam a sentir pavor de perder suas propriedades. A melancolia se torna então duplamente o medo de perder o que se tem e o desejo de reviver o que se perdeu.

Por esse motivo o movimento de Windrip se apoia não apenas no ressentimento, mas no medo da perda. E, para isso, desumaniza tanto grupos de esquerda quanto minorias como judeus e negros. Ao final do livro, Doremus está internado em um campo de concentração com alguns de seus antigos colegas, familiares e amigos, acusado de conspiração contra o governo e comunismo – a despeito de ser um liberal. Seu colega Karl Pascal, este de fato um comunista, entende, neste ponto, melhor a melancolia do ressentimento do que Doremus, ao afirmar que um:

monte de guardas MM bem aqui em Trianon são tão desafortunados quanto nós - um monte deles não passam de pobres-diabos que não conseguiram um trabalho decente, voltando à Idade de Ouro de Frank Roosevelt - contadores que tiveram de cavar valas, vendedores de carros que não conseguiam fechar negócios e se entregaram à amargura, ex-tenentes da Grande Guerra que ao regressar descobriram que seus trabalhos lhes foram tomados, todos seguiram Windrip, muito honestamente, porque pensaram, os crédulos, que quando dizia Segurança ele queria dizer Segurança! Eles vão aprender! (LEWIS, 2017, p. 381)

Ou seja, e sobre esse ponto o livro volta com frequência, grande parte do séquito do fascismo de Windrip, de sua milícia paramilitar, os Minute Men, são formados por homens ressentidos catapultados pela esperança de um futuro melhor a partir do regresso a um passado mitificado. Não é sem motivo que o principal antagonista de Doremus seja o seu ex-empregado, Shed Ledue, que expressa sadismo ressentido ao perseguir seu ex-patrão e torturá-lo. Hannah Arendt (1978, p. 217) menciona que esse tipo de cena tampouco era incomum nos campos de concentração Nazistas, citando em particular o caso de um oficial da SS que teria dito para um professor que ele não era mais professor de nada, não mandava em mais ninguém, era irrelevante e, agora, era ele quem mandava. O fascismo permite uma circulação na elite social, para citar as ideias do intelectual fascista Vilfredo Pareto (1966, p. 118-120), em que a elite anterior é violentamente substituída por aqueles que se encontravam nas camadas mais baixas. Melhor dizendo, grupos arrivistas são alçados em uma ruptura à formação de uma nova elite, sem abandonar, porém, os ressentimentos antigos “contra os que eram social, intelectual ou fisicamente melhores que eles, e que estavam agora à sua mercê, como numa realização dos seus mais loucos sonhos.” (ARENDRT, 1978, p. 217)

Retornando para o livro de Sinclair Lewis, esta proposta de resgate de um passado mitificado é onipresente em *Não vai acontecer aqui*. Buzz Windrippromete um resgate não apenas dos valores tradicionais estadunidenses, mas também da prosperidade econômica, utilizando, como uma de suas bases de campanha, a promessa de que, após eleito, cada cidadão receberia uma renda de pelo menos 5.000 dólares anuais. Buzz não promete isso apenas para ganhar votos: na sua incompetência econômica, política e administrativa, ele de fato acreditava ser possível (LEWIS, 2017, p. 364). Já no final do livro, antes de ser deposto, percebe a incapacidade de suas promessas: “amava o Povo tanto quanto temia e detestava as Pessoas, e planejava fazer algo histórico. Sem dúvida! Daria a cada família aqueles cinco mil dólares anuais assim que conseguisse arranjar o dinheiro” (LEWIS, 2017, p. 364). Entretanto, suas promessas não são universais: os 5.000 dólares anuais, assim como as demais benesses, seriam apenas para os “verdadeiros americanos”, isto é, americanos do sexo masculino e descendentes de europeus (LEWIS, 2017, p. 71-74). Afro-americanos, judeus e outras minorias não somente não teriam esses direitos garantidos, como ainda perderiam o que Buzz e seus seguidores chamam de “regalias” como, por exemplo, o direito ao voto (LEWIS, 2017, p. 98). Para tornar o discurso de ódio mais simples, o

discurso hegemônico simplesmente passa a classificar todos os opositores, minorias ou não, como comunistas:

Os jornais talvez não fossem mais tão indecisamente liberais a ponto de publicar as opiniões dos não Corpos; podiam trazer algumas poucas notícias daqueles países antiquados e democráticos, Grã-Bretanha, França e Estados escandinavos; podiam, com efeito, não publicar praticamente nenhuma notícia do exterior, exceto com respeito aos triunfos da Itália em levar à Etiópia boas estradas, trens pontuais, liberdade de mendigos e homens honrados, bem como todas as demais benesses espirituais da civilização romana. Mas, por outro lado, os jornais nunca antes publicaram tantos quadrinhos - o mais popular era uma tira muito engraçada sobre um ridículo esquisito do New Underground que se vestia em preto fúnebre, usava uma cartola decorada com crepe e vivia levando cômicas sovas dos MM. Nunca houvera, mesmo no tempo em que o sr. Hearst libertava Cuba, tantas garrafais manchetes vermelhas. Nunca houvera tantas ilustrações dramatizando homicídios - os assassinos eram sempre famigerados anti-Corpos. Nunca houvera tamanha abundância de literatura, digna de suas vinte e quatro horas de imortalidade, quanto os artigos provando, e provando com números, que na América os salários eram universalmente maiores, as mercadorias, universalmente mais baratas, os orçamentos de guerra, menores, mas o Exército e seu equipamento, muito maiores do que jamais haviam sido antes na história. Nunca houvera polêmicas tão probas quanto os argumentos provando que todos os não Corpos eram comunistas (LEWIS, 2017, p. 306).

O fascismo sempre se desenvolve a partir de alguma crise, seja ela de caráter econômico, política, social, ou, tanto mais conveniente, todos esses formatos ao mesmo tempo (RIEMEN, 2012, p. 35). Em uma crise, principalmente econômica, as pessoas se tornam sedentas por um líder, e são capazes de fazer concessões políticas, em suma, conceder o benefício da dúvida para políticos *outsiders*, ainda que não o sejam de fato, mas que se vendam como tal. O reacionarismo igualmente advém dessa crise: o passado imperfeito se transforma em perfeito, imersos em um presente supostamente pior. E, ainda como reacionarismo, alguém ou algo precisa levar a culpa por esta destruição. O culpado pode ser abstrato – o comunismo, o ideal de liberdade, a corrupção – ou, mais frequentemente, um grupo, o inimigo demonizado. Em suma, quando essas características reacionárias de idealização do passado e desumanização de um inimigo objetivo se fundem com o discurso de um Messias populista, o fascismo tem início, como Robert Paxton (2007, p. 47) defende: “O fascismo é um gênero de ideologia política cujo cerne mítico, em suas várias permutações, é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista”. Doremus percebe isso logo no início de *Não vai acontecer aqui*, ao afirmar que “As pessoas

vão pensar que o elegem para gerar mais segurança econômica. Depois presenciar o terror.” (LEWIS, 2018, p. 24)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não vai acontecer aqui entende a necessidade da arte como método de luta. Na prática, se trata de um manual ficcional tanto da ascensão do fascismo, como de como resistir a ele. Através da literatura, Lewis transpôs a importância de tratar a questão em seu âmago, sem malabarismos retóricos para suavizá-lo, sem ingenuamente acreditar que o método não pode aparecer em determinada localidade ou época. A transição ambígua entre humor e horror, e a estética da destruição criada deste contato, intensifica essa crítica. *Não vai acontecer aqui* passa por todas as etapas, descortinando ascensão, apogeu e declínio. Ao final do livro de Lewis, os Estados Unidos ainda está imerso em um totalitarismo fascista, mas após conspirações internas e o aparecimento de resistências orgânicas por todo o país, há sinais de decadência. A terceira pessoa de *Não vai acontecer aqui*, embora conceda um panorama geral e amplo desta ascensão, fornece também a imagem da resistência.

Doremus Jessup oferece ao leitor esperança ao se debater em resistência durante todo o livro. Doremus poderia facilmente aderir ao Corpoísmo, mesmo sem partilhar de seus valores, como diversos de seus companheiros fizeram. Imerso na visão do poder hegemônico e sendo um burguês liberal, não se encontrava no foco do discurso de desumanização. Ao contrário, sua posição como jornalista e dono de jornal, como o livro mostra em algumas passagens, o concedia transição entre diversos setores sociais. Ainda assim, mesmo sem saber a razão, prossegue em sua resistência, se empenhando e conscientemente abrindo mão de tudo que amava, sabendo que era uma luta que não poderia vencer:

Seus folhetos ineficazes, seu jornal mal impresso pareciam fúteis contra o enorme clamor da propaganda Corpo. Pareciam pior do que fúteis, pareciam uma insanidade, arriscar-se ao martírio em um mundo onde os fascistas perseguiram os comunistas, os comunistas perseguiram os sociais-democratas, os sociais-democratas perseguiram todo mundo que lutasse por ele [...] Que motivo concebível haveria para almejar a proibição em um mundo com tamanho ódio da proibição? Por que se empenhar em qualquer outra coisa além de comer, ler, fazer amor e providenciar horas de sono a salvo da perturbação de policiais armados? Ele nunca encontrou nenhum motivo particularmente bom. Simplesmente seguiu em frente (LEWIS, 2017, p. 306).

Doremus Jessup é o intempestivo, o vaga-lume. Doremus está fora de seu tempo. Poderia não sofrer perseguição do fascismo, por sua posição natural. Mas opta por resistir, mesmo ciente de suas inevitáveis perdas (LEWIS, 2017, p. 306). Doremus enxerga o fascismo quando ainda era apenas um embrião, antes dele se espalhar em seu país. E continua enxergando, mesmo com todos os esforços do Corpoísmo em manipular o real através dos mais diferentes métodos e tornar a mentira padrão de verdade (LEWIS, 2017, p. 374). Até terminar em um campo de concentração.

Doremus não é somente o intempestivo ou o contemporâneo de seu próprio tempo: é também o pequeno. Algumas passagens do livro ele deixa claro que, por mais que lute, se sente impotente (LEWIS, 2017, p. 306). Procura questionar a hegemonia e as verdades impostas pelo poder, inicialmente através de o seu jornal e, quando o perde, ao se associar à resistência e passar a entregar panfletos (LEWIS, 2017, p. 271). É muito pouco, e quase inútil, como ele próprio pondera, mas é o que pode ser feito.

O nome de Doremus não é sem motivo: é um trocadilho com a expressão *door mouse*, ou camundongo, como ele é chamado em alguns trechos. Isso porque Doremus representa a resistência do pequeno, o vaga-lume que emite uma luz quase insignificante, mas que continua a brilhar mesmo com toda a escuridão do Corpoísmo: "Seres humanos se tornam vaga-lumes – seres luminescentes, dançantes, erráticos, intocáveis e *resistentes*" (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 23). Somente no final, quando o governo começa a implodir e revoltas surgem em vários estados, é que o New Underground, o principal grupo de resistência, consegue ter uma participação eficiente.

Não vai acontecer aqui oferece um sentimento paradoxal: ao mesmo tempo em que age quase como um manual da ascensão do fascismo, e detalha uma gigantesca violência, também oferece ao leitor, principalmente em sua última parte, um resquício de esperança. Nesse sentido, *Não vai acontecer aqui* é o *doppelgänger* de *1984*: enquanto o segundo, em seu final, aniquila qualquer possibilidade de esperança, na obra de Lewis a esperança, mesmo com toda a crueldade e desumanização, ainda se mantém. Seria paradoxal afirmar que o livro possui um final feliz, levando em consideração todos os sacrifícios, mortes, torturas e traumas que são impostos aos personagens; entretanto o seu final, com a implosão do Corpoísmo, mostra que não importa o quão obscuro, o quão tenebroso, o fascismo em algum momento desmorona. Esse é, inclusive, o seu grande paradoxo: ele é eterno por se reconstruir infinitamente, aparecendo em espaço-tempo heterogêneo enquanto existir

sociedade de massas (RIEMEN, 2012, p. 11), mas é finito e limitado porque cedo ou tarde inevitavelmente chega ao fim, mesmo com todos os estragos e danos que causa. Há uma pergunta feita por um professor de latim no início do livro: “O que podemos fazer diante desse fascismo em crescimento acelerado?” (LEWIS, 2017, p. 33); uma pergunta que o próprio livro, em sua última frase, responde: “Um Doremus Jessup nunca morrerá” (LEWIS, 2017, p. 406). Mesmo na obscuridade perpetrada pelo Fascismo, sempre existirão pequenos vaga-lumes, fazendo o que for possível, o que estiver ao alcance, por mais inútil que possa parecer, para resistir.

REFERÊNCIAS

- ALBRIGHT, Madaleine. **Fascismo: um alerta**. São Paulo: Planeta, 2018.
- A NIGHT at the garden**. Direção: Marshall Curry. Roteiro: Marshall Curry. Field of Vision, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NC1MNGFHR58>. Acesso em 29mai. 2021.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. O campo de Terezin. **Estudos avançados**, v. 13, n. 37, 1999.
- BRAY, Mark. **Antifa: o manual antifascista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FREEDOM HOUSE. **Freedom in the world 2021**. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2021/democracy-under-siege>. Acesso em 11 jul. 2021.
- LACLAU, Ernesto. **Onpopulistreason**. Londres: Verso, 2005.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LEWIS, Sinclair. **Não vai acontecer aqui**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PARETO, Vilfredo. **Sociological writings**. Westport: Frederick A. Praeger, 1966.

PRZEWORSKI, Adam. *et al.* O que mantém as democracias? **Lua Nova**, n. 40-41, 1997, p. 113-135. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451997000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 03 dez. 2020.

RIEMEN, Rob. Fascism is once more at our doors, and we still refuse to see and treat it by its name: an interview with Cultural Philosopher Rob Riemen. Entrevista concedida a Sergio Schargel. **Revista Cantareira**, n. 33, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/40711>. Acesso em: 10 jul. 2021.

RIEMEN, Rob. **O eterno retorno do fascismo**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2012.

ROTH, Philip. **Complô contra a América**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

SCHWARCZ, Lília. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SHAKESPEARE, William. **The merchant of Venice**. New Haven: Yale University Press, 2006.

URWAND, Ben. **A colaboração: o pacto entre Hollywood e o Nazismo**. São Paulo: LeYa, 2014.